



“Pode um homem negro carregar um homem branco?”: colonialidades, cárcere estético e imagens de controle na fotografia de Patrick Hutchinson em atos antirracistas de Londres, em 2020

“Can a black man carry a white man?”: colonialities, aesthetic imprisonment and images of control in Patrick Hutchinson’s photography at London’s anti-racist acts, 2020

¿Un hombre negro puede cargar a un hombre blanco?: colonialismo, encarcelamiento estético e imágenes de control (representados) en la fotografía de Patrick Hutchinson en los actos antirracistas de Londres 2020

Aleone Rodrigues Higidio - Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte | Minas Gerais | Brasil. E-mail: aleonerodrigues@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4271-5333>

Josué Victor dos Santos Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte | Minas Gerais | Brasil. E-mail: josuevictordossantos@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1032-0441>

Lucas Porfírio - Universidade Federal de Ouro Preto | Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil. E-mail: lucasporfiriojornalismo@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8592-9497>

Resumo: Neste artigo, busca-se compreender as disputas políticas na construção dialética da imagem, publicada pela BBC Brasil, de Patrick Hutchinson: homem negro, que carrega um homem branco ferido, nos atos antirracistas realizados em Londres, na Inglaterra, em junho de 2020. Faz-se o debate a partir da reivindicação de olhares negros que decolonizem discursos, inclusive visuais, sobre os corpos de pessoas negras, a partir da crítica às imagens de controle e reflexões sobre cárcere estético. Conclui-se que a fotografia de Patrick Hutchinson, ainda que confira ao negro o lugar ético diante da violência, que não pode ser conferido à branquitude que o violenta, cria amarras sensíveis que atam a negritude à dialética de morte ao acionar imagens que remetem ao passado colonial. Entende-se a importância de reivindicar o rompimento com imagens de controle que, usadas pela branquitude, continuam a desumanizar pessoas pretas na produção de sentidos.

Palavras-chave: racismo; fotografia; George Floyd; colonialidades; imagens de controle.

Abstract: In this article, we seek to understand the political disputes in the dialectical construction of the image, published by BBC Brasil, by Patrick Hutchinson: black man, who carries a wounded white man, in the anti-racist acts carried out in London, England, in June 2020. The debate is based on the claim of black gazes that decolonize discourses, including visual ones, on the bodies of black people, from the criticism of control images and reflections on aesthetic prison. It is concluded that Patrick Hutchinson’s photography, even though it gives the black the ethical place in the face of violence, which cannot be given to the whiteness that violates him, creates sensitive bonds that tie blackness to the dialectic of death by triggering images that refer to the colonial past. It is understood the importance of claiming the break with control images that, used by whiteness, continue to dehumanize black people in the production of meanings.

Keywords: racism; photography; George Floyd; colonialities; control images.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2022v10id5024>



Resumen: En este artículo, buscamos comprender las disputas políticas en la construcción dialéctica de la imagen, publicada por BBC Brasil, de Patrick Hutchinson: hombre negro, que carga a un hombre blanco herido, en los actos antirracistas realizados en Londres, Inglaterra. , en junio de 2020. El debate parte del reclamo de las miradas negras que descolonizan los discursos, incluso los visuales, sobre los cuerpos de las personas negras, desde la crítica a las imágenes de control y las reflexiones sobre la estética prisión. Se concluye que la fotografía de Patrick Hutchinson, si bien otorga al negro el lugar ético frente a la violencia, que no se le puede otorgar a la blancura que lo violenta, crea lazos sensibles que vinculan la negritud a la dialéctica de la muerte al desencadenar imágenes que remiten al pasado colonial. Se comprende la importancia de reivindicar la ruptura con las imágenes de control que, utilizadas por la blanquitud, siguen deshumanizando a los negros en la producción de sentidos.

Palabras clave: racismo; fotografía; George Floyd; colonialidades; imágenes de control.

Recebido em: 30/06/2022

Aprovado em: 18/10/2022



1 Introdução

A inquietação deste trabalho parte, a princípio, do estímulo de construir uma reflexão acerca de uma determinada imagem que teve grande repercussão durante os eventos denominados manifestações antirracistas, ocorridos a partir do assassinato de George Floyd, em 25 de maio de 2020. Floyd era um cidadão estadunidense, negro, de 46 anos, que trabalhava como segurança em um restaurante e foi brutalmente assassinado por um policial branco em Minneapolis, no estado de Minnesota nos EUA. Antes, é preciso situar que esse fenômeno sociopolítico, marcado por protestos antirracistas em diversas regiões do mundo, denunciava não somente a violência policial contra pessoas negras nos EUA, mas trazia à tona a contestação de um regime de colonização imposto por pessoas brancas contra pessoas negras durante séculos de escravidão.

No mesmo período, a *hashtag* #blacklivesmatter (#vidasnegrasimportam) ganhou as redes sociais denunciando que o assassinato de Floyd, em decorrência da violência policial¹ estruturada no racismo, não era o único no país. De acordo com a BBC², um levantamento do jornal Washington Post mostra que, no ano de 2019, 1014 pessoas foram mortas a tiros pela polícia nos EUA. A maioria era cidadãos afroamericanos. Ainda, o Mapping Police Violence demonstra que uma pessoa negra está sujeita a ser morta pela polícia estadunidense, aproximadamente, três vezes mais que uma pessoa branca.

A intensa colonização promovida pelos países europeus, principalmente a partir do advento das navegações marítimas e da modernidade, foi marcada por um processo de escravização de povos em diversos continentes. Se antes a história registrou a escravização de povos dominados em constantes batalhas por territórios, nesse novo contexto, a escravização de pessoas passou a se constituir a partir de

¹ Os altos índices de violência policial não são exclusivos dos Estados Unidos. Segundo relatório da Rede de Observatórios da Segurança, negros e pardos correspondem a 74% dos mortos pela polícia no Brasil. Ainda, integrando o contexto de genocídio negro, 61% das mortes por feminicídio são de mulheres negras. Já a taxa de homicídios de homens negros, entre 19 a 24 anos, é de mais de 200 a cada 100 mil habitantes. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/>. Acesso em: 26 jun. 2022.

² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52832621>. Acesso em: 26 jun. 2022.



uma relação mercadológica e comercial, além de ser marcada pela diferenciação racial.

O tráfico de pessoas, essencialmente do continente africano, foi justificado pelos europeus a partir da distinção da cor da pele, inculcando um ideal de supremacia racial, onde as pessoas negras eram consideradas incivilizadas, sem almas e, portanto, sem humanidade. Foi este traço da escravização dos negros e negras na história mundial que nos fez chegar no assassinato de George Floyd, em 2020, e nos atos antirracistas que se sucederam a partir de então.

Sem a pretensa neutralidade — base da ciência moderna que, inclusive foi usada para justificar a escravidão de negros e negras — em observar o fenômeno do racismo, os pesquisadores que apresentam este trabalho reivindicam neste espaço de disputa acadêmica a possibilidade de contribuir com olhares negros acerca das visualidades que compõem a narrativa sobre nossos corpos.

Existem espaços de agência para pessoas negras, onde podemos ao mesmo tempo interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, um para o outro, dando nome ao que vemos. O “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado (HOOKS, 2019, p. 184).

O que é observado enquanto fenômeno comunicacional precisa desse olhar, especialmente quando raça passa a ser um elemento a ser analisado, partindo, portanto, de uma perspectiva decolonial, que, neste texto, se refere ao “conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade” (QUINTERO; FIGUEIRA; ELIZALDE, 2019, p. 4). Nas palavras de Kilomba (2019, p. 28), “eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político”. Assim, este artigo emerge da inquietação de pesquisadores negros, que percebem nos atos antirracistas uma tomada de consciência coletiva no século XXI dos vestígios nocivos das colonialidades do poder (QUIJANO, 2009), marcadas pela exploração comercial de mão-de-obra escrava, vinda essencialmente do continente africano. Esse passado reverbera como uma estrutura racista, colonialista, que assombra negros e negras na contemporaneidade. Porque:



Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a degradação dessa ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhes permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites da antiga ordem social (SOUZA, 1983, p. 20).

Portanto, mesmo com os avanços obtidos em décadas de reivindicações de direitos levadas adiante por pessoas negras, a marca do racismo na contemporaneidade insiste em assolar as comunidades negras em todo o mundo. Talvez seja a viralização do vídeo do assassinato de George Floyd que tenha provocado uma onda de protestos antirracistas pelo mundo³ no ano de 2020. Mas, quem vivencia a negritude e os vestígios de uma sociedade escravocrata sabe que Floyd não foi um caso isolado. Morto por sufocamento, o cidadão estadunidense estava desarmado durante uma abordagem policial, sob a acusação de ter usado uma nota falsa na compra de um maço de cigarros. Um vídeo que mostra a prisão de Floyd viralizou na internet após o episódio. Nele, o policial branco, Derek Chauvin, é visto com o joelho sobre o pescoço de Floyd, enquanto ele estava algemado e de bruços no chão. Suas últimas palavras foram “*I can't breathe*” (“Não consigo respirar” — traduzido para o português).

A partir desse caso não isolado, diversas cidades dos Estados Unidos foram tomadas por protestos contra o racismo que ocorre, principalmente, nas corporações policiais do país. Segundo relatório da organização *Sentencing Project*⁴, 40% da população carcerária do país (no Estado de Maryland, chegam a 72%) são de negros, sendo a taxa de encarceramento da população negra, de 1.408 para cada 100 mil habitantes. Isso representa cinco vezes mais que a taxa de encarceramento de pessoas brancas (275 para cada 100 mil). Vale destacar que os negros representam 13% da população norte-americana.

³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/morte-de-george-floyd-reacende-luta-antirracista>. Acesso em: 29 jun. 2022.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/25/protestos-por-george-floyd-em-seis-areas-a-desigualdade-racial-para-negros-no-brasil-e-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2022.



Esses atos antirracistas se espalharam pelo mundo, tendo ocorrido vários protestos, inclusive, na cidade de Londres, na Inglaterra. Em um desses atos na cidade londrina, no dia 13 de junho de 2020, houve um registro fotográfico emblemático que também viralizou nas redes sociais. Na imagem, Patrick Hutchinson, que é negro, carrega um homem branco ferido, antes de levá-lo para um lugar seguro. Minutos antes, havia ocorrido uma briga durante a manifestação contra o racismo. No mesmo local do confronto, membros de grupos da extrema direita participavam de uma manifestação contra os atos antirracistas. Patrick Hutchinson não procurou saber se o cidadão branco agredido era extremista ou não. Instintivamente, ele apenas procurou resguardá-lo de mais agressões.

Eu não pensava em nada, apenas que havia um ser humano no chão. Isso teria terminado mal se não tivéssemos interferido. Não conseguia pensar em nada naquele momento, a não ser salvá-lo (BBC BRASIL, 2020).

A atitude de Patrick Hutchinson repercutiu em diversos veículos de comunicação, bem como nas redes sociais. A potência do registro da imagem descrita acima, com todos os significados representados, bem como o contexto do acontecimento, torna-o fenômeno de discussão deste trabalho.

2 Imagem: fonte de afetos e significações a partir da noção espaço-tempo

Em primeira instância, voltamos nossa reflexão para o entendimento da imagem enquanto um campo de disputa representacional que está atrelado às dinâmicas de produção da subalternidade através do artifício da raça. Em *Crítica da Razão Negra* (2014), Achille Mbembe entende a raça e a categoria negro como a produção de um pré-texto ficcional e externalizado que o sujeito europeu, através da colonização, inscreveu no africano com o propósito de torná-lo um ser desprovido de humanidade, fomentando eticamente e estrategicamente a escravidão.

Portanto, se “[...] a raça não existe enquanto facto natural, físico, antropológico ou genético” (MBEMBE, 2014, p. 26), o autor entende que seu uso como mediador de relações de exploração e desumanização ocorre através de um simulacro que atrela à imagem do racializado características e categorias que permitem a transformação do negro em um ser/coisa de valor econômico e desprovido de vida.



Ao aplicar um juízo de identidade sobre o negro, o ser não racializado o torna um sujeito da raça, visualizado pelas suas características biofísicas e segregado por um sistema mental que o racionaliza como não pertencente à plataforma de igualdade perante o branco/europeu. Desse modo, a raça pode ser vista enquanto um processo de produção comunicacional e imagético, pois:

[...] a razão negra designa tanto um conjunto de discursos como de práticas - um trabalho quotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e pôr em circulação fórmulas, textos, rituais, com o objectivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática (MBEMBE, 2014, p. 71).

Entendemos que a produção de imagens possui grande importância histórica para a operação das relações sociais/raciais. Assim, a produção dessas imagens sobre o negro em diversos contextos socioculturais faz parte da dinâmica na qual agentes disputam construções representacionais, sejam essas as que mantenham a subalternidade do negro ou sejam aquelas que se organizam como instrumento de reação e retomada do controle de suas imagens e identidades.

Quando olhamos para as imagens (MARTINS, 2021) produzidas a respeito dos homens negros pelos meios de comunicação de massa, percebemos que essas sugerem que estes homens são mais violentos, comparados aos homens brancos. Conforme explica Hooks (2019):

O foco obsessivo da mídia nessas representações é político. O papel que ela representa na manutenção da dominação racista é o de convencer o público de que os homens negros são uma ameaça perigosa que deve ser controlada de toda e qualquer maneira, incluindo sua aniquilação (2019, p. 136).

Tal produção de imagens desumanizadas de sujeitos negros pode ser compreendida como imagens de controle, conceito estabelecido por Patricia Hill Collins (2019) ao olhar para as representações de mulheres negras. É importante destacar que, a partir do trabalho conceitual de Collins (2019), podemos entender as representações de outros sujeitos negros. As imagens de controle são construídas pela branquitude e não possuem relação com o que sujeitos negros enunciam sobre si mesmos.



A branquitude, segundo Peggy McIntosh (1990) teórica responsável pela popularização⁵ do termo na década de 90, pode ser considerada o principal grupo racial privilegiado pelas dinâmicas do poder por compreenderem que o sujeito branco ocupa um lugar de neutralidade racial perante as demais raças. Dessa forma, este considera o seu olhar, modo de existência, aparência e comportamento uma regra do que é ser um humano comum. O que contribui diretamente para o não reconhecimento de seu papel de participação nas dinâmicas sociais do racismo. Kilomba (2019) lembra que a branquitude pode ser vista como uma identidade “[...] dependente da exploração da/o ‘Outra/o’, uma identidade relacional construída por brancas/os, que define a elas/es mesmas/os como racialmente diferentes das/os ‘Outras’/os” (KILOMBA, 2019, p. 38).

Nesse sentido, as imagens de controle são manipulações daqueles que possuem autoridade de nomear os fatos sociais, criando padrões de comportamentos esperados das pessoas negras. As imagens de controle ajudam a naturalizar as consequências do racismo e do sexismo. De acordo com Winnie Bueno (2020):

As imagens de controle são a justificativa ideológica que sustenta a continuidade dos sistemas de dominação racistas e sexistas que buscam manter as mulheres negras em situação de injustiça social. São uma forma potente de atacar a assertividade e a resistência de mulheres negras à sua objetificação enquanto o outro da sociedade. [...] As imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada de dominação, que opera com base em uma lógica autoritária de poder, a qual nomeia, caracteriza e manipula significados sobre as vidas de mulheres negras que são dissonantes daquilo que elas enunciam sobre si mesmas (BUENO, 2020, p. 78-79).

Ainda, essas imagens de controle são propagadas massivamente pela mídia, indo de encontro aos interesses sociopolíticos da branquitude, identidade racial detentora da maioria dos postos de poder e que retroalimenta os valores de noticiabilidade, no intuito de se esvair da responsabilidade “pelo contínuo de violência que a exploração econômica dos povos negros significou na construção do *status quo* da branquitude” (BUENO, 2020, p. 117). Vale ressaltar que essa estrutura de violência

⁵ Frisamos popularização pois a criação do conceito advém dos estudos fundantes de W.E.B Du Bois sobre a identidade do branco estadunidense e de Frantz Fanon sobre a construção do sujeito branco.



também se manifesta através de marcadores simbólicos, culturais, políticos, além de se materializar em violência física⁶ contra a população negra.

Figura 1 – Patrick Hutchinson carrega homem branco em protesto antirracista.



Fonte: MARTINEZ, Dylan. Reuters. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53057967>. Acesso em: 22 nov. 2022.

A imagem acima é fruto de um desejo de registro contextualizado dentro da profissão do fotojornalista, que está diante de um acontecimento na cidade de Londres, no qual parte da população se posicionou e manifestou suas convicções em relação ao assassinato de George Floyd, sendo tal homicídio utilizado como uma análise global sobre a violência que a população negra em diáspora está submergida. Desse modo, podemos dizer que a fotografia em questão integra a trama narrativa de um acontecimento jornalístico no qual há um propósito e objetivo em realizar um registro de uma história, pois:

⁶ Segundo reportagem, a mortalidade entre pessoas brancas caiu 30,9%, enquanto homens pretos e pardos foram maioria entre os assassinados pela polícia no Brasil em 2021. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/cresce-numero-de-vitimas-negras-em-aco-es-policiais-no-brasil>. Acesso em: 29 jun. 2022.



[...] o que chamamos de acontecimento jornalístico é um fato marcado, portanto, mais determinado para o sistema da informação pública do que outros existentes, tidos como não-marcados para a formação de um conhecimento sobre a cotidianidade urbana. A marcação define a noticiabilidade de um fato por critérios, concebidos como valores adequados ao acontecimento: os valores-notícia (*news values*) (SODRÉ; PAIVA, 2005, p. 4, grifos dos autores).

Ao pensar a notícia como o relato de um acontecimento factual que, inscrito na realidade histórica, é suscetível de comprovação (SODRÉ; PAIVA, 2005), pode-se dizer que o contexto político-social em que a imagem foi construída a fez ser validada, tornando-a um acontecimento jornalístico, inicialmente, pelo repórter e, posteriormente, pelo veículo de imprensa no qual o repórter trabalhava. Tornam-se, porém, inacessíveis as motivações reais dos dispositivos e agentes que tornaram tal imagem um acontecimento jornalístico.

Sendo o protesto de grupos antirracistas e grupos conservadores que não acreditavam na motivação racial do assassinato de Floyd o acontecimento que mobilizou a agência do fotojornalista, nos questionamos: por que a foto de um homem negro carregando um homem branco que possui posicionamentos políticos divergentes é vista como um fato que merece ser registrado pelo fotojornalismo? Por mais que a resposta comum a essa questão nos leve para uma discussão de valores-notícia acerca da cena, aqui optamos por realizar uma análise através da multiplicidade interpretativa que uma imagem pode nos gerar pela afetação localizada. Pois, como nos lembra Barros e Freitas (2018), ao refletirem sobre a experiência estética do negro pela imagem:

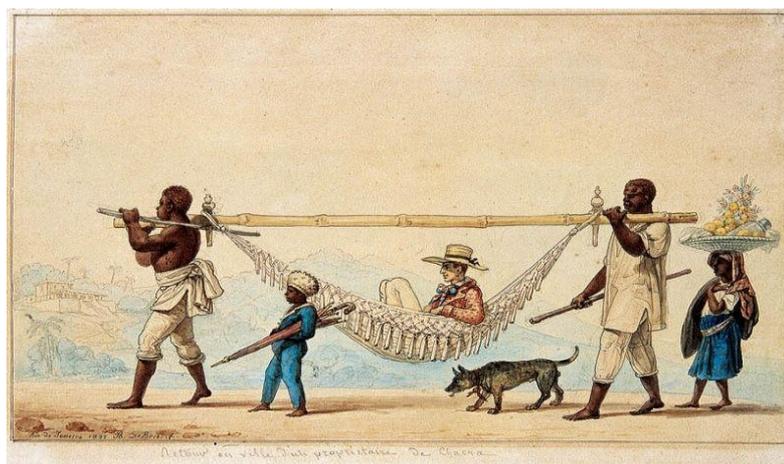
Os regimes de visibilidade (e de invisibilidade) e de percepção só podem ser compreendidos a partir dos seus contextos históricos, sociais, raciais e culturais [...] E a percepção estética é elemento fundamental da experiência estética. Para além dos sentidos contidos na obra, as apropriações vivenciadas pelos espectadores – tomados como sujeitos ativos do processo de produção de sentidos – revelam novos sentidos, nem sempre previstos na produção do objeto estético. E esses sentidos são constituídos por esses contextos e contornos de temporalidades e territorialidades (BARROS; FREITAS, 2018, p. 106).

Levando como processo metodológico a experiência do olhar opositor do negro anunciada por hooks (2019), em que o sujeito negro através de um processo analítico de descontentamento representacional pode reagir às imagens que lhe violentam emitindo falas críticas ou produzindo contra-imagens, reconhecemos que: na



fotografia em questão há uma carga imaginal que nos permite estabelecer relações com um conjunto de imagens prévias, no qual o homem negro carregando um homem branco está significativamente fixado à escravidão, como a imagem anexa a seguir.

Figura 2 – Imagem do período da escravidão, no século XIX



Retirada do álbum ilustrado de Jean-Baptiste Debret, a imagem faz parte do maior conjunto de imagens sobre o Brasil no século XIX, no auge do período da escravidão⁷.

O primeiro volume, de 1834, contém 48 pranchas numeradas, dedicando 36 aos índios e 12 aos elementos da natureza, mais duas folhas não numeradas com o retrato de Debret e um mapa do Brasil. O segundo volume da obra contém 49 pranchas numeradas e uma não numerada, dedicada à baía do Rio de Janeiro. Foi publicado em 1835 e trata dos costumes da vida cotidiana na corte e de seus arredores. Com efeito, aí a figura do negro é preponderante (COSTA, 2009, p. 224).

Na primeira (Figura 1), evoca-se um imaginário⁸ que constrói parte do acontecimento jornalístico, já que o espectador não presenciou o ato real. A imagem gera uma semelhança com a realidade ancorada nos fatos que envolvem a onda de movimentos antirracistas, tendo o estopim para as manifestações a morte de George

⁷ Artigo "Brasil, 1822: Um País Parido pela Escravidão". In: Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/brasil-1822-um-pais-parido-pela-escravidao>. Acesso em: 06 ago. 2020.

⁸ Neste artigo, o termo imaginário é utilizado apenas para nomear um repertório de imagens, poses, gestos e iconografias repetidamente circuladas e acumuladas historicamente. Não se pretende filiar a um campo teórico específico previamente estabelecido.



Floyd. Na segunda (Figura 2), o imaginário dialoga com fatos históricos, neste caso, a escravidão de negros retirados à força do continente africano para serem explorados no Brasil.

Essa semelhança evidencia uma potência intertemporal da imagem que nos permite avaliar e perceber as diferenças históricas, éticas e políticas de cada contexto. Sobretudo, enxergamos no exercício de aproximação das duas figuras o exemplo de uma repetição sígnica, um dos componentes presentes na experiência estética do sujeito racializado, principalmente, quando estamos dizendo sobre imagens que representam a violência racial. A inscrição de homens negros carregando homens brancos aciona o imaginário colonial povoado por um conjunto de imagens que fazem parte de nosso repertório enquanto negros brasileiros. Essa experiência pode ser alinhada ao conceito de Cárcere Estético da pesquisadora Cíntia Guedes (2019 *apud* SANTOS, 2020).

O conceito de Cárceres Estéticos surge em algumas falas públicas da pesquisadora e artista Cíntia Guedes quando ela busca identificar as amarras sensíveis que atam a negridade à dialética de morte que a reduz sempre-já aos registros do objeto, do outro ou da mercadoria. No meu entendimento, o conceito diz respeito às imagens que trabalham no sentido de imobilização das potências e poéticas negras, ou seja, imagens que podem funcionar – e, geralmente, funcionam – pela manutenção da Ordem do mundo tal qual o conhecemos (SANTOS, 2020, p. 14).

Por analogia, pode-se fazer uma leitura de que a primeira imagem, retirada de contexto, pode remeter à segunda: um homem negro carrega um homem branco. Porém, ao historicizarmos os fatos, apesar das semelhanças entre as imagens, há diferenças não só de ordem de composição, quanto também de ação. Apesar de a segunda imagem ilustrar a desumanização do homem negro durante a escravidão, que era submetido às mais diversas violências, na atualidade (Figura 1), o homem negro não subjuga o homem branco e o protege da violência durante as manifestações antirracistas. Neste ponto, em específico, vale destacar que há uma dimensão ética a ser observada. Enquanto o homem branco, nas duas imagens, promove a tentativa de silenciamento e sujeição dos sujeitos negros, na fotografia, Patrick Hutchinson estabelece eticamente sua oposição ao regime de violência que o próprio homem branco promove. Essa interpretação acontece devido às imagens



também serem capazes de manifestar uma dimensão temporal, ainda que decodificada.

A imagem fotográfica, exatamente por ter nascido modificando comportamentos e provocando questões ontológicas, carregará sempre o estigma de ser a realidade congelada no tempo e fruto da imaginação e da interpretação do autor. Sejam quais forem as questões nascidas dessa dualidade, a própria história da fotografia vem carregada de reflexões e equívocos (ANDRADE, 2002, p. 52).

Segundo Andrade (2002), se a imagem nasce dessa observação de uma realidade inscrita em uma estrutura cultural, ela estará carregada de significados, fragmentos. Para a autora (2002), o texto que acompanha a imagem se faz crucial para que se elabore uma análise desse significado. Portanto, se nos livros de história o registro de Debret é utilizado para ilustrar a maneira como o processo de desumanização de pessoas negras fazia parte do cotidiano brasileiro, a imagem fotográfica, cerne desse artigo, coloca-nos a olhar criticamente não apenas para as amarras que atam a negritude à dialética de morte (SANTOS, 2020) no período colonial, mas também para a diferença ética na relação entre negros e brancos na contemporaneidade.

Eu o levantei, o carreguei e o retirei dali. O cara acabou no chão e eles [apontando para os amigos] foram rápidos em evitar que ele fosse pisoteado. Ao fazer isso, eles criaram uma barreira ao seu redor e eu fui o último a chegar. Eu o peguei, o carreguei como um bombeiro e o tirei lá. Os outros ao meu redor me protegeram e protegeram esse senhor para que não fosse agredido ainda mais. Fizemos o que tínhamos que fazer. Evitamos que matassem alguém (BBC Brasil, 2020).

Na reportagem da BBC, as falas de Patrick Hutchinson revelaram a dualidade do acontecimento em questão. Ainda que num protesto antirracista houvesse alguém declaradamente racista insultando os manifestantes, a reação coletiva seria de, antes que ocorresse uma tragédia, resguardasse a vida daquele ser-humano. O contrário não ocorreu com George Floyd, nos EUA.



3 Decolonialidade a partir dos olhares negros sobre as imagens de controle

Há por parte desses pesquisadores a preocupação em compreender o que as imagens provocam, especialmente, no espectador negro, seus significados, quais seus modos de se comunicar através dos seus símbolos e signos, uma vez que “o “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado” (HOOKS, 2019, p. 184). Mas, antes, é preciso entender que os impulsos e emoções que as imagens podem provocar passam por subjetivações de espectadores variados, de diversos países, etnias, credos e vivências que não acessaremos. Aqui, interessa-nos pensar algumas das possibilidades que a imagem de Patrick Hutchinson, carregando um provável supremacista branco, pode perpassar nas emoções de uma pessoa que acompanhou os atos antirracistas pelo viés de uma tomada de consciência de vestígios da escravidão.

Pessoas que se tornam cada vez mais agentes das suas próprias histórias e não mais apenas objetos de estudos, sob um olhar colonizador dos saberes sobre as dores e vivências negras. O slogan “Vidas negras Importam” foi um dos mais utilizados nos atos antirracistas de 2020 pelo mundo. Pensando nesse *slogan* do próprio movimento, aderido por intelectuais, artistas, indivíduos anônimos, incluindo pessoas brancas, é relevante dizer que: vivências negras, inclusive suas percepções de si no imaginário coletivo, também importam. Construir um pensamento crítico a partir dessa premissa é ser provocado pela imagem discutida neste trabalho que, ao afetar o comportamento humano, transforma-se num princípio de análise. Porque:

As novas tendências impostas pela globalização nos fazem retomar as observações de Frantz Fanon sobre a produção de imagens negativas sobre o negro. A reflexão de Fanon nos possibilita avaliar que, mesmo nos dias atuais, no Brasil, uma gama de preconceitos e de estereótipos negativos, em circulação, continua a reforçar idéias preconcebidas sobre O outro, principalmente quando este outro pertence à maioria de negros e mestiços. Fanon considera que os preconceitos, principalmente os relacionados com a inserção do negro no modelo de sociedade pensado pelo sistema colonial, são decorrentes de uma história que o emoldurou como um objeto desprezível que era preciso expurgar do convívio social (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 16).

É nas imagens, inclusive as imagens que compõem os acontecimentos jornalísticos noticiados, que “os mais complexos saberes são instituídos e disseminados. Assim nos afetam e nos comprometem, pois, como pensamento, a



imagem produz algo sobre aquilo ou aquele que representa” (MARTINS, 2021, p. 163). Ainda segundo a autora, isso seria significativo porque traz, além do pensamento de quem produziu uma referida imagem — seja ela um registro em pintura, desenho ou fotografia, a pintura —, o pensamento dos espectadores que através da imagem também “incorporam seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e até suas intervenções, por vezes deliberadas” (ZUMTHOR, 1993 *apud* MARTINS, 2021, p. 163).

Além do valor-notícia, o interesse na manutenção da dominação de imagens de controle, denunciada por Collins (2019), há também, na atualidade, a demanda por *click baits* no universo *on-line* de agências de notícias que comercializam informação. O acontecimento jornalístico e os critérios de noticiabilidade não fogem de um modelo de produção de informação cuja lógica permanece capitalista na sua produção, definidos e controlados pela branquitude.

Além disso, essas imagens também evocam intencionalidades na maneira como quem está por trás das câmeras constrói os significados acerca do mundo que experimenta, com todas as dimensões políticas, sociais e culturais. Afinal, “[...] o que é fazer fotografias? Retratar? Em um artigo da revista *Imagens*, Ana Maria de Niemeyer afirma que herdamos uma perspectiva eurocêntrica, fria e violenta na forma de retratar alguns povos” (ANDRADE, 2002, p. 56). No caso da publicação da BBC, a imagem de Patrick Hutchinson, republicada por agências internacionais, foi registrada pelo fotojornalista espanhol, Dylan Martinez, colaborador da agência de notícias britânica Reuters.

Tal intencionalidade não fugiria do regime das colonialidades e do processo de classificação social. Ainda sobre o papel das imagens na sociedade ocidental, especificamente aquelas que nos fazem acreditar ser uma representação da negritude e são produzidas para consumo da mídia de massa, Hooks (2019) diz que elas têm um papel fundamental no reforço das noções de superioridade racial. Ainda que na fotografia publicada pela Agência Reuters possamos estabelecer uma interpretação a partir da distinção ética na relação entre brancos e negros diante da sujeição de um ser humano à violência, é parte do desejo da branquitude a aproximação de imagens que reconfiguram a repetição sígnica da violência racial. Na experiência estética do



sujeito racializado, isso sugere uma constante rememoração das violências já praticadas e repetidas contra negros e negras. Porém:

Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: “Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade”. Mesmo nas piores circunstâncias de dominação, a habilidade de manipular o olhar de alguém diante das estruturas de poder que o contêm abre a possibilidade de agência (HOOKS, 2019, p. 184-185).

Há, portanto, uma necessidade de dominação das imagens de controle (COLLINS, 2019) e a recusa em aceitar olhares negros (HOOKS, 2019) para que se mantenha a naturalização da desumanização e sujeição das experiências negras pela ótica da branquitude. Tal desumanização é compreendida, também, pela perspectiva de Quijano (2009), que discute acerca das colonialidades, especialmente, do poder. Ele questiona como o processo de colonização da América Latina naturalizou as experiências sociais dos povos originários e da diáspora africana, impondo o que já foi mencionado como uma classificação social, além de um ordenamento econômico, político e social, cujo padrão é o norte global, especialmente a Europa.

Como resultado desse regime de colonialidades, tivemos o fenômeno do racismo, que reverbera dores e anseios que negros e negras vivenciam imersos na cultura brasileira, marcada pelo seu passado escravista. Entender o racismo passa pela concepção de que a condição de humanidade nunca foi uma condição plenamente usufruída por essa comunidade desde a diáspora africana — e aqui incluem negros que protestavam nos atos antirracistas de Londres, onde a imagem de Partrick Hutchinson foi produzida. Todo o esforço para o apagamento de identidades culturais, com seus modos de vida, linguagens, costumes, foi empreendido pela dominação europeia, com o objetivo de extirpar a condição de sujeito (HOOKS, 1989 *apud* KILOMBA, 2019) de milhões de pessoas traficadas e comercializadas pela branquitude em diversas regiões do mundo. Vale ressaltar que, “nós, negros, não somos povos que não têm história. Somos povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação” (CRUZ, 2005, p. 23).



4 Considerações finais

A partir das discussões apresentadas, entende-se que a pintura do artista de Jean-Baptiste Debret (Figura 2), apesar de ser analisada pelo viés artístico — e de representar em essência o acontecimento da escravidão — ainda figura nas subjetividades do espectador que a imagem (Figura 1) de Patrick Hutchinson remete. Ambas as imagens falam com estes observadores por meio de vestígios do sensível e transformam a experiência de apreciar as imagens com efeitos sociais.

Na tentativa de construir uma análise das imagens busca-se produzir o sentido que vai além do “Vidas negras importam”. Neste caso, acredita-se que os efeitos sociais da primeira imagem (Figura 1) são fruto de uma consciência coletiva que inaugura um processo de novas abolições, porém, com construções sígnicas que ainda remontam ao período da escravidão. Ainda que haja o contraponto interpretativo sob a perspectiva ética na relação negro-branco e branco-negro, o acontecimento jornalístico divulgado na imagem da BBC Brasil, apesar do apoio textual da reportagem, reviveu, por meio dos elementos visuais, o Cárcere Estético cunhado por Cíntida Guedes e lembrado por Matheus dos Santos (2020), trazendo proximidade entre as insurgências político-raciais da atualidade à dialética de morte e objetificação do homem negro do período escravocrata. Esse processo foi possível pelo acionamento do imaginário colonial no observador brasileiro a partir da pintura de Debret em uma relação de comparação ativa.

No limiar de um registro fotojornalístico que testemunhava uma efervescência política na disputa entre a libertação do povo negro (*Black Lives Matter*) e a manutenção da sua subalternidade (Extrema direita supremacista), identificamos a agência do *modus operandi* da estereotipia. Embora as intencionalidades do fotojornalista não tenham sido diretamente acessadas, foi possível perceber, através da interpretação guiada pelo olhar opositor do negro (HOOKS, 2019), reencenações que suscitaram conexões temporais e reflexões éticas, políticas e estéticas, sendo esses três últimos quesitos pilares da produção do conhecimento e da experiência humana. Dessa forma, vamos ao encontro à análise de Hooks quando afirma que:



Embora sejam imprecisos, estereótipos são uma forma de representação. Como as ficções, são criados para servir como substitutos, postos no lugar da realidade. Não estão lá para dizer como as coisas são, mas para estimular e encorajar o fingimento. São fantasias, projeções sobre o Outro para torná-lo menos ameaçador. Estereótipos sobram quando existe distância. São uma invenção, um fingimento de que se sabe quando os passos que levariam ao verdadeiro conhecimento possivelmente não podem ser dados ou não são permitidos (p. 255).

Acreditamos que seria contraproducente dedicarmos as análises a uma descrição preciosista do campo expressivo da imagem contaminado temporalmente pelo registro estereotípico, por isso nos detemos a trazer reflexões acerca da necessidade de contextualização das imagens nas experiências imagéticas lembradas por Barros e Freitas (2018). Sendo assim, realizamos uma leitura afetiva da fotografia e da pintura de Debret para suscitar as proposições realizadas.

Certos de que essa análise configura uma das mais diversas percepções que podem ser colocadas em debate, o intuito aqui é dizer que as disputas políticas também operam através dos discursos, sejam eles representados textualmente ou através das imagens. Porque “exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (SOUSA, 1983, p. 17). Sendo assim, a tessitura deste trabalho se configura como uma visão que tenta decolonizar os saberes produzidos sobre os corpos negros e reafirmar que, para além de dizermos “Vidas negras importam”, reforçar que, nestas disputas políticas, os discursos sobre as imagens que retratam vidas negras também importam.

No processo de rompimento com as imagens de controle, é necessário que pessoas negras possam definir a si mesmas. A autodefinição desafia a validação do conhecimento político que resulta em imagens estereotipadas, que foram definidas externamente e controladoras, da condição das comunidades negras (COLLINS, 2016). Ao se autodefinirem, pessoas negras ameaçam o *status quo* e rompem com o processo de desumanização que os acomete. Conforme explica Collins:



Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independente do conteúdo de fato autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (COLLINS, 2016, p. 104).

Sobretudo, realizamos aqui o intuito de lembrar que os processos de visualização e do olhar são constitutivos da razão negra (MBEMBE, 2014) desde seus primórdios e ainda hoje são responsáveis por identificar os corpos que provocam fobia e que podem ser descartados pelas agências necropolíticas (MBEMBE, 2017), tal como George Floyd e inúmeras pessoas negras que, antes de tudo, são assassinadas pelos olhos. De que forma nós, sujeitos negros, somos olhados? Tal como Hooks (2019) brilhantemente nos recobra a memória: “para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estraçalha” (HOOKS, 2019, p. 31).

Nesse sentido, levantamos suspeita a um fotojornalismo que, embora se pretenda “orientado” pela valorização da vida e interessado na pauta de preservação da ética humana ao observar disputas políticas como as manifestações antirracistas de Londres, pode, sem intencionalidade ou por falta de repertório crítico, reproduzir o cativeiro estético e até trabalhar em favor das colonialidades no processo de visualização e criação do Outro racial (QUIJANO, 2005). Desse modo, urge a necessidade de que mais falas e olhares negros possam ser ouvidos para que a crítica e a produção de formas de conhecimento decoloniais possam minimamente contribuir para novos rumos da história.

Apesar de a Figura 1 poder ser entendida como algo que remonta às imagens do período colonial, de homens negros carregando pessoas brancas, a fotografia também pode ser lida por um viés que recobre o homem negro de humanidade. Como apontado pelo artigo, frequentemente homens negros são associados a violência, a discursos que o desumanizam. No caso da fotografia, ao carregar o homem branco, Patrick Hutchison assume uma postura ética, de salvaguarda da vida daquele que, provavelmente, não o enxergaria como um igual, sujeito instituído de humanidade e que, possivelmente, não assumiria a mesma postura caso a situação fosse inversa.



Ainda, mesmo que não possamos afirmar a intenção do fotógrafo e veículo, é importante termos o contexto em que a fotografia foi realizada, bem como os sentidos que ela produz no sujeito racializado.

Referências

ANDRADE, R. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade/EDUC/ Fapesp, 2002.

BARROS, Laan Mendes de; FREITAS, Kênia. Experiência estética, alteridade e fabulação no cinema negro. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 97–121, 2018. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/20262. Acesso em: 29 jun. 2022.

BBC Brasil. 'Evitamos que o matassem': a história da dramática foto em protesto contra o racismo no Reino Unido. **BBC Brasil**. On-line, 15 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53057967>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 26 jun. 2022.

COSTA, Thiago. Representações do negro na obra de Jean-Baptiste Debret. *In: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, 2., 2009, Londrina. **Anais**. Londrina: UEL, 2009. p. 221-228. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Costa_Thiago.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. *In: ROMÃO, Jeruse (org.). História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 21–34.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MCINTOSH, Peggy. **Privilégio branco: desfazendo a mochila invisível**. 1990. Disponível em: <https://circuito.ubueditora.com.br/privilegio-branco>. Acesso em: 20 set. 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.



MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições / Editora PUCMinas, 2001.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. **MASP Afterall - Arte e colonialidades**, São Paulo, n. 3, p. 1-11, 2019. Disponível em: temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf (masp.org.br). Acesso em: 20 set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73–118.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O que eh mesmo uma notícia. *In*: Compós – Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 14., 2005, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: UFF, 2005. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2005/papers/o-que-eh-mesmo-uma-noticia>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SANTOS, Matheus Araujo dos. Atravessando abismos em direção a um cinema implicado: negridade, imagem e desordem. **Logos**, v. 27, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/51522>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.